

blicou que Tancredo tinha tido apendicite (quando não teve) e que seu pulmão mais afetado pela inflamação era o direito (e era o esquerdo). Mas seus leitores ficaram melhor informados. E em jornalismo, o que vale é a informação correta, revelada com coragem e independência.

Reproduzido de a *Folha de S. Paulo*, 22/04/85.

## Uma longa e cansativa viagem pelo Império do "off"

Ouhydes Fonseca

A cobertura jornalística da doença do falecido presidente Tancredo Neves (trinta e nove dias, dos quais vinte e nove no Instituto do Coração, em São Paulo) levantou uma série de questões que, em nível de três dos grandes MCM — TV, rádio e jornal — terão que ser agora devidamente discutidas. Uma coisa, porém, não deixou dúvidas: foi a mais longa, fatigante, desgastante, além de inédita, tarefa a que se entregaram os jornalistas na história política do país.

Apanhados de surpresa com o repentino internamento de Tancredo Neves na noite de 14 de março, véspera de sua posse na Presidência, em Brasília, os veículos de comunicação levaram algum tempo para se organizarem, mesmo porque os primeiros boletins médicos não davam idéia da estafante vigília que estava por ocorrer. Transformado num grande acampamento de ecumenismo jornalístico, o espaço fronteiro ao Instituto do Coração e o prédio do Centro de Convenções Rebouças acabou entrando numa rotina *stressante* onde só se teve a certeza de que o fim chegara quando o secretário de Imprensa da Presidência da República, Antônio Britto, incluiu no penúltimo boletim oficial do dia 21 a palavra-código, combinada com os jornalistas: irreversibilidade.

Uma das características dessa cobertura (sinal da Nova República?) foi a utilização do *off* como jamais se havia visto. A cada boletim médico oficial carregado de jargão médico inacessíveis ao público comum, Antônio Britto se reunia com os jornalistas para dissecar as informações e dar tom mais realístico ao que ocorria na sala de UTI. Esse dado é destacado pela chefe de redação da sucursal do *Jornal do Brasil*, Maria Ignês Caravaggi: "Sem as informações em *off*, que ao final já eram quase em *on*, nosso trabalho seria mais difícil".

Para o chefe de reportagem da sucursal de *O Globo* em São Paulo, José Augusto Bezerra, "as controvérsias sobre o estado de saúde do Presidente causadas pelos boletins enganaram o povo e os jornais tiveram que buscar a verdade em outras fontes". Nesse sentido, os dois grandes jornais do Rio acabaram organizando esquemas seme-

lhantes, provavelmente os únicos em condições de funcionar diante das circunstâncias. Foram previstas várias frentes de ação, algumas ostensivas, outras nem tanto. Se o grande cenário dos acontecimentos estava armado diante do Incor, a busca dos detalhes e dos dados que compunham os mais importantes textos do dia-a-dia se desenvolvia longe das câmaras de televisão, do olhar das milhares de pessoas que se plantavam nas proximidades do hospital.

No Centro de Convenções eram lidos os boletins médicos, realizados os *friefings* entre a imprensa, Britto e seus assessores e se concentrava parte da parafernália técnica de apoio às emissoras de rádio e TV e aos repórteres de jornais, revistas, agências e correspondentes. Junto aos dois portões principais do Incor registravam-se as idas e vindas de médicos, parentes e autoridades. Mas era no saguão e nos corredores do Caesar Park Hotel — onde se alojaram a família e os assessores da Presidência — e nas redações, via telefone, que os jornais obtinham em conversas com as pessoas diretamente ligadas a Tancredo, a todo instante, as informações detalhadas sobre a melhora ou piora do estado de saúde do Presidente.

A par disso, os dois jornais contavam com consultores médicos e elaboravam matérias paralelas, tanto na área política quanto na médica para que o leitor pudesse ter uma idéia geral da situação. O resultado disso foi uma cobertura competente e digna, apesar dos senões que atingiram o trabalho jornalístico como um todo, relevados pelo insólito do assunto e das circunstâncias e que, pelo menos, servirão para que a categoria jornalística faça uma reflexão sobre o seu papel na atualidade. Maria Ignês e José Augusto asseguraram que embora os dois jornais tenham enviado reforços (repórteres e fotógrafos), do Rio e de Brasília (para o trabalho de bastidores, já que têm maior intimidade com a família Neves e com seus assessores), não houve restrições ou imposições ao seu trabalho, pautado e organizado em São Paulo.

Um trabalho que, medido em laudas, pesaria mais de cem quilos e encheria inúmeros envelopes com originais ou metros de papel de telex. E que, ao longo de sua trajetória, também trouxe baixas: no *Jornal do Brasil*, uma repórter foi internada com problemas nos rins, uma redatora passou mal por causa da tensão e um motorista quebrou um pé no Centro de Convenções n'O *Globo*, um repórter teve que ser examinado no próprio HC, um fotógrafo teve febre alta e uma repórter sofreu paralisação temporária do lado esquerdo do corpo, sem contar outro repórter que teve seus pertences roubados no próprio Centro de Convenções.

O importante é que, mesmo cansados ao final, os jornalistas puderam contabilizar um saldo positivo em seu balanço de atividades, oferecendo uma cobertura com informações cruzadas e checadas em várias fontes. Contudo, a avaliação desse esforço e seus resultados, parece ser imperiosa, seja de forma organizada ou mesmo informal, nas redações ou em reuniões, já que, apesar de toda a competência do trabalho e da certeza de se estar passando um retrato real dos acontecimentos, não foi possível evitar o ceticismo que levantou boatos sobre a verdadeira causa dos males de Tancredo, transformados em histórias incríveis e que a passaram de boca em boca nas ruas. Se isso for o reflexo de 21 anos de autoritarismo e acobertamento da verdade, a morte de Tancredo revelou que ainda é longo o caminho a ser percorrido pelos MCM até a retomada de sua credibilidade junto ao público.